

Elementos para uma Mitologia do Biografema¹

Luis Felipe Silveira de Abreu²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente estudo busca a construção de um ponto de vista teórico para a discussão das escritas de vida no cenário midiático contemporâneo tendo por base o conceito de biografema, cunhado por Roland Barthes. A partir da ideia dessa palavra biográfica menor, o artigo propõe uma recuperação das teses de Barthes sobre a mitologia e a conotação, de modo a compreender semiologicamente o movimento das narrativas biografemáticas no discurso comunicacional. Ensaia-se aí a conclusão do biografema como, simultaneamente, objeto e ferramenta analítica, veículo de ideologia mítica e forma de subversão narrativa; elemento capaz de propor uma desarticulação dos regimes sígnicos em jogo nas biografias midiáticas.

Palavras-chave: biografema; mitologia; conotação; Roland Barthes

Introdução

*O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala a restos
Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação dos poetas
Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de contemplação dos restos
E Barthes completava: Contemplar os restos é narcisismo.*
Manoel de Barros

Quando Franz Kafka nos apresenta a máquina de *Na colônia penal* (2011), descreve um instrumento de intrincada punição carcerária, capaz de executar os condenados ao grafar na própria pele suas sentenças – e, assim, o conto alerta para a própria potência violenta e coercitiva da escrita. A colônia pune com palavras e é mesmo a escritura que vai singrando e sangrando a carne do criminoso. Respeita teu oficial, as agulhas rasgam nas costas daquele que desobedeceu uma ordem de seu comandante. Tal gesto e seu relato constituem para nós uma potente parábola acerca das forças de disciplina e controle do texto, associada aqui à particularidade das escritas de vida (afinal, não seria toda sentença uma espécie de desenlace biográfico?). Se tal ideia aparece hipertrofiada na obra do fabulista tcheco, não precisamos conceber nenhuma engenhoca para entender os princípios de uma regulação

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo de Pesquisa Semiótica e Comunicação (GPESC). Bolsista Capes. E-mail: luisf_abreu@hotmail.com.

social mediante a escrita e a captura de momentos de vida enquanto matéria para tal produção textual. Não estaríamos mesmo cercados por um sem fim de vida escritas, devassadas, viradas do avesso, expostas ao olhar feito borboletas alfinetadas a um quadro? É a definição de tal zona de conflito, ao mesmo tempo tão íntima e tão pública, que anima nossa pesquisa de dissertação de mestrado, provisoriamente intitulada *O biografema como ferramenta crítica da comunicação*. Na busca da compreensão dos limites e das potências da escrita biográfica contemporânea, objetivamos aí entender as implicações da circulação dessas narrativas nos meios de comunicação, em um processo de interpenetração mútua, gerador de sentido. Estabelecido tal horizonte, nos parece ser possível pensar, enquanto exploração inicial, uma espécie de abstração da tal máquina kafkiana, animada hoje nos discursos produzidos e tornados visíveis pela mídia. De modo a discutir tal perspectiva, propomos aqui neste texto um estudo guiado pela imagem do pensamento de Roland Barthes, delineada a partir da sua ideia de biografema (2005b, 2011). Concebido enquanto subversão das formas biográficas tradicionais, além de retorno e libertação dos sujeitos em meio ao Texto, tal conceito sofreu modulações desde seu advento na década de 1970, sendo mesmo hoje transformado por sua apropriação comunicacional, tornando-se uma espécie de moeda corrente na economia das escritas de vida.

Se tal fenômeno constitui nossa hipótese, seu estudo se dá aqui por meio da utilização de outro trabalho de Barthes: seu projeto das *Mitologias* (2013), ao mesmo tempo estudo das particularidades da cultura de massa e manifesto teórico em prol de uma semiologia de matriz saussureana. Nesse movimento, acreditamos ser possível rastrear os regimes de significação que revolvem (e por elas são revolvidos) as escritas biográficas. Por fim, retomamos também as remodelações e críticas a tais concepções mitológicas, cunhadas pelo próprio Barthes (1992, 2004), vendo no embate de tais textos a produção de elementos para um entendimento mais complexo dessa proliferação do significante biográfico na paisagem midiática contemporânea.

Os biografemas, de Barthes aos meios de comunicação

A ideia de biografema aparece pela primeira vez na obra de Barthes no prefácio de *Sade, Fourier, Loyola* (2005b), misto de recuperação biográfica e exploração crítica da figura de três autores caros ao semiólogo: Marquês de Sade, Charles Fourier e Santo Inácio de Loyola. De modo a compreender o próprio ímpeto de escritura dessas narrativas centradas em sujeitos – não foi mesmo Barthes quem determinou a morte do autor e o caráter

puramente Textual da escritura em ensaios como *Da obra ao Texto* (BARTHES, 2004)? –, o crítico propõe aqui a construção de uma ferramenta de trabalho capaz de dar conta de tal “retorno”. Sua aposta é, então, na fragmentação: “Porque, se é necessário que, por uma dialética arrevesada, haja no Texto, destruidor de todo sujeito, um sujeito para amar, tal sujeito é disperso, um pouco como as cinzas que se atiram ao vento após a morte” (BARTHES, 2005b, p. XVI). Metodologicamente, a operação de tal dispersão de dá através dos *biografemas*, que Barthes (2005b, p. XVII) pensa a partir de si próprio:

(...) gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma (...)

Tais biografemas, portanto, constituem-se de traços significantes observados na vida do sujeito a ser escrito, sempre *pequenos* – há de se ter atenção aos termos escolhidos aí por Barthes em sua caracterização: pormenores, gostos, inflexões, átomos. De Sade, portanto, vai interessar à escritura do biografólogo³ não as reviravoltas políticas de sua história, a trama moralista de seu encarceramento e sua rebelião contra os costumes, mas sim “essa maneira provençal com que Sade chamava ‘milli’ (senhorita) Rousset (...), é seu regalo branco quando abordou Rose Keller, seus últimos jogos com a roupeira de Charenton” (BARTHES, 2005b, p. XVI). De Fourier, o apreço pelo cultivo de flores; de Santo Inácio os injetados olhos de espanhol. São tais elementos os traços biografemáticos, observáveis na vida das personagens e trazidos ao Texto de modo a permitir uma enunciação não-totalizante e não-representativa de tais sujeitos; é uma escritura guiada por um “princípio novo”, garante Barthes (2005a, p. 172), aquele da “divisão, a fragmentação, ou até mesmo a pulverização do sujeito. (...) Essa divisão é o desvio, a volta necessária para reencontrar uma adequação, não da escrita com a vida (simples biografia) mas das escritas e dos fragmentos, dos planos de vida”. Há aí, porém, uma espécie de jogo, como alerta Leyla Perrone-Moisés (1983), disposto a nos recordar de que nada é pequeno se não há uma grandeza a comparar. “O próprio sabor dos biografemas depende de uma prévia informação”, escreve a crítica (1983, p. 10), lembrando que “os punhos de Sade e os vasos de Fourier são contrapontos de suas vidas-obras, o ‘insignificante’ que a memória seleciona, ludicamente, dentro de um conjunto maior”. De Sade interessa o vestuário e o

³ O termo, reservado àqueles que se dedicam às escritas biografemáticas em detrimento das biográficas, vai aparecer somente o segundo volume de A preparação do romance (BARTHES, 2005a).

sotaque, sim, mas tais dados pouco dizem se não contrapostos a sua figura historicamente estabelecida. Se o que Barthes busca são as inflexões, é preciso que haja um percurso padrão do qual inferem-se os desvios.

É esse princípio que irá guiar o fazer dessas escritas em seu aspecto mais pragmático. Tal concepção implica o biografema enquanto “estratégia biográfica”, como coloca Luciano Bedin da Costa (2010), uma ferramenta de escritura guiada por um processo seletivo de informações. Esse aspecto se mostra de forma mais explícita em *A câmara clara* (BARTHES, 2011), outro dos poucos pontos de sua obra em que Barthes trata do problema biografemático: “Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia” (BARTHES, p. 40). A comparação, a princípio surpreendente (é a única referência ao biografismo em todo texto), nos permite compreender o caráter funcional do conceito: a fotografia opera na História com a violência de sua molduração e uma foto constitui-se como um recorte específico do tempo e do espaço, apreendendo dentro de seu quadro um número finito de elementos. De forma análoga, o biografema parte da biografia, selecionando dessa as linhas de fuga e os elementos rasteiros que se encontram em meio aos fatos da vida. Assim, concebe o biografema como um conceito de dupla articulação, sendo não apenas a definição de uma forma biográfica breve, preocupada menos com grandes formalizações e narrativa do que com a identificação de certas idiossincrasias (como, por exemplo, os apêndices de *Sade, Fourier, Loyola*, nos quais Barthes fantasia, em forma de listas descritivas, trechos das vidas dos três autores), mas denominando também a própria operação escritural por meio da qual se chega a tais formas, uma espécie de garimpo do Texto, que seleciona, fracciona e recria traços de existências.

Além de empreendimento teórico, a construção do conceito acaba por representar também certo caráter “rebelde” de Barthes, em sua constante batalha contra a *doxa* e as cristalizações de sentido – traço que é definidor de todo seu edifício teórico, apontam nomes como Perrone-Moisés (1983) e Louis-Jean Calvet (s.d.). A noção de biografema constitui-se enquanto uma subversão, ainda que sutil, dos princípios clássicos da escrita biográfica, guiada costumeiramente por critérios como relevância das personas descritas e importância histórico-social dos dados e feitos narrados. Para ficarmos em um exemplo, Mikhail Bakhtin (2000, p. 231) descreve o romance biográfico enquanto gênero literário, constituído pela narração de “momento típicos e fundamentais de qualquer vida humana: o

nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento (...).” Desse modo, a concepção de vida – e os princípios escriturais que dela emergem – define-se “pelos resultados objetivos (pelas obras, méritos, trabalhos, façanhas) ou então pelas categorias da felicidade-infelicidade (com todas as variantes dessa categoria)” (BAKHTIN, 2000, p. 232). Pressupostos como esses, bem acomodados no cânone ocidental, passam a ser abalados a partir sobretudo dos anos 1960, com a erupção daquilo que François Dosse (2009) chama “idade hermenêutica” da escrita biográfica – e é aí, nesse período turbulento, que o historiador situa a criação dos biografemas barthesianos. “Portanto, nada mais natural que a biografia fracasse, já que seu objetivo consiste em traçar um retrato; e é precisamente dessa imagem fixa que o sujeito Barthes foge, não querendo por preço nenhum tornar-se seu prisioneiro” (DOSSE, 2009, p. 308-9).

Mas isso tudo é bem estabelecido. Nossa hipótese aqui parte de uma certa dobra em tais pressupostos, a inserção de uma tensão em tal campo das escritas de vida. E se, quarenta anos após sua concepção, o biografema se alterou, foi modulado por seu uso e suas apropriações? E se, devorado pelo campo da biografia (biografagia?), passou de provocação a *status quo*, de reacionário a revolucionário? Tais questionamentos, norte e refrão de nossa empreitada de pesquisa, partem da observação do cenário midiático contemporâneo, lugar de proliferação dos significantes do vivido e das narrativas pessoais-personalistas – conclusões semelhantes às quais chega Leonor Arfuch (2010) em sua reflexão sobre o estado do fazer biográfico hoje. As escritas de sujeitos, donas de uma forma consagrada à época de Barthes, encontram-se esfaceladas, e a ideia de uma “retórica do mínimo” como ferramenta de apreensão dessa fissura foi mesmo colonizada pelos discursos narrativos, como escreve a autora:

O novo traçado do espaço público transformou decisivamente os gêneros autobiográficos canônicos, aqueles que esboçavam as formas modernas de enunciação do eu. O avanço da midiaticização e de suas tecnologias da transmissão ao vivo fez com que a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas, rascunhos, escritas elípticas, testemunhos privilegiados, estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes em escala global. (ARFUCH, 2010, p. 151)

É nessa multiplicação da palavra biográfica que acreditamos ser possível ver uma espécie de subversão do programa ético-estético do biografema. Tomemos como uma rápida ilustração para a fala de Arfuch aquilo que convencionou-se chamar de “jornalismo de fofoca”, vertente dedicada a devassar cada aspecto e momento da vida pessoal de personalidades famosas. Em uma permanente inversão entre o culto a celebridade e o

desvelamento dos aspectos “mundanos” desses personagens, tal gênero gera casos limites de escrita biográfica, tal qual as matérias *Chico Buarque compra baguetes para o lanche da tarde*⁴, publicada pelo site Ego em 2009, e *Caetano Veloso estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira*⁵, divulgada pelo portal Terra em 2011. Das mangas brancas de Sade aos pães de Chico, quais as distâncias?

A dúvida filia-se a outra, mais ampla, originária dessa hipótese de subversão: como compreender a colonização do biografemático? Tomando aqui essa inversão de sentido como porta de entrada para uma reflexão teórica, propomos uma leitura semiológica do fenômeno, retomando os princípios analíticos das *mitologias* de Barthes.

Mito e parasitismo: a conotação como vetor biografemático

Um de seus primeiros e mais conhecidos trabalhos, *Mitologias* reúne 55 textos breves, publicados originalmente na imprensa francesa, sobre “mitos do cotidiano”: objetos, práticas e discursos midiáticos de aparência ingênua, mas que mascaram sentidos e ideologias. Das publicidades de sabão em pó, que apresentam como concorrentes produtos de uma mesma companhia, ao filé com fritas, detentor de um certo caráter de reais “hombridade” e “francidade”, o crítico discute aí a naturalização do cultural (da cultura burguesa, no caso) operada pelos meios de comunicação de massa, guiado por “um sentimento de impaciência frente ao ‘natural’ com que a imprensa, a arte, o senso comum mascaram continuamente uma realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos não deixa de ser por isso perfeitamente histórica” (BARTHES, 2013, n.p.).

Nos deteremos aqui no posfácio do volume, chamado *O mito hoje*, escrito quando da publicação do livro, em 1957, de modo a amarrar conceitualmente os textos analíticos precedentes. Aí, Barthes dedica-se a compreender a *operação mítica*, ou seja, os modos de organização semiológicos dessas mensagens midiáticas. Que querem dizer os gestos dos gângsteres nos filmes *noir*? O que guia a feitura de uma matéria sobre um bebê em um safári na África? Que signos são movimentados aí e – mais importante – com quais intenções?

Uma questão mais imediata: o que é um mito? É o que se pergunta Barthes (2013, p. 199), para responder de pronto “o mito é uma fala”. A partir daí, guiado sobretudo pelos trabalhos de Ferdinand de Saussure, o crítico empenha-se em demonstrar a ação dos mitos

⁴ <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1363727-9798,00-CHICO+BUARQUE+COMPRA+BAGUETES+PARA+O+LANCHE+DA+TARDE.html>

⁵ <https://diversao.terra.com.br/gente/caetano-estaciona-carro-no-leblon-nesta-quinta-feira,41d3399ae915a310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

como “um sistema de significação, uma forma” (BARTHES, 2013, p. 199), sendo definida não pelos objetos que enuncia, mas mesmo pelos modos como o faz. Surge aí, central ao argumento, o conceito de *conotação*, extraído integral de Louis Hjelmslev (1975), ainda que o linguista não seja nominalmente citado nesse momento. Tal forma de constituição semiológica compreende os modos pelos quais os signos apresentam uma significação sub-reptícia, tendo em sua face mais aparente, o significante, (a franja dos atores nos épicos romanos de Hollywood, para ficarmos em um exemplo mítico de Barthes) apenas o ponto de partida para um novo signo, detentor de um novo discurso (a vontade de verdade e realismo da representação, no caso em questão). É desse modo que Barthes, e nós com ele, entenderá os mitos como “um *sistema semiótico segundo*” (BARTHES, 2013, p. 205, grifo do autor). Tal modo de codificação é apresentado novamente em *Elementos de semiologia* (BARTHES, 2003), de forma mais didática: se entendermos a expressão (significante) como E, o conteúdo (significado) como C e a relação entre ambos como R, os signos são definidos como E R C, uma semiótica denotativa – ao passo que o processo de conotação se dá pela acoplagem de um novo conteúdo à placidez de tal sistema, gerando uma significação em (E R C) R C. O mito caracteriza-se portanto como uma dupla-face de significação: sob a foto do garoto negro que presta continência à bandeira da França, mensagem denotada, insinua-se, conotativamente, certo discurso da soberania francófona – e é assim que “todo o projecto de Barthes assenta precisamente nesta coexistência do explícito e do implícito, do denotado e do conotado, no mesmo ponto de um processo de comunicação-significação” (CALVET, s.d., p. 26).

A partir de tal sistema, podemos pensar as formas através das quais se busca a atribuição de sentidos aos discursos biográficos. Barthes mesmo apresenta um ensaio nesse sentido nas próprias mitologias, ao discutir as narrativas em torno de Minou Drouet, poeta infante de sucesso na França da década de 1950. Desse emaranhado de falas, o crítico percebe certos ímpetos de atribuição de sentidos, tais como a exaltação da inocência infantil e o reforço de certa noção da poesia como expressão *naïf*, espontânea, quase irracional. A escrita da vida é então o próprio mito, já que se constitui enquanto sistematização das passagens conotativas.

À guisa de exemplo dessa formalização e ponte para a nossa hipótese de trabalho, lembremos aqui da reportagem *Bela, recada e “do lar”*, publicada pela revista *Veja* em abril desse ano. Apresentado como um perfil de Marcela Temer, esposa do vice-presidente Michel Temer, o texto é construído a partir da descrição do cotidiano da personagem tendo

por enfoque sua pressuposta “tradicionalidade de costumes”: logo de início somos informados que “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar” (VEJA, 2016). Uma abordagem biográfica mais tradicional, como aquela que mostramos esboçada por Bakhtin (2000), destacaria sua trajetória de vida, sua relação com o marido, seu papel político, seus ideais, etc. Mas tudo se passa aqui de outro modo: há uma construção bastante intrincada de sua figura, calcada na alusão a pequenos comportamentos e práticas do dia-a-dia, que vão e voltam no texto feito refrãos: “bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo”; “nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele”; “[*no salão de beleza*] pedia luzes bem fininhas e era ‘educadíssima’”; “ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras” (VEJA, 2016). À primeira vista e em termos puramente estruturais, é difícil apontar incongruência entre tal organização textual e as constituições biografemáticas assinaladas por Barthes: formas breves, foco nos pormenores, narrativa elíptica. O que um olhar mitólogo não pode deixar de observar é que aqui esse regime de enunciação dos detalhes descritivos traz sob si uma significação conotada: o elogio de uma espécie de feminilidade *à la* século XIX, calcada na total submissão e na dedicação às tarefas domésticas. É como a forma de organização discursiva do mito segundo Calvet (s.d., p. 47): “À custa de acumular tijolos, acaba-se muitas vezes por construir uma parede; o autor acumula descrições que se apresentam à partida como elementos independentes, unicamente ligados à actualidade, mas que a pouco e pouco acabam por constituir um sentido”. A retórica do mínimo, modo de operação próprio do biografema, torna-se então o mecanismo de codificação mitológico nessas narrativas calcadas na vida. Sob tais condições, a escrita biográfica apresenta-se como uma fortuita tábua de inscrição para a inculcação ideológica própria do mito, e a organização biografemática, calcada na “escritura branca” dos detalhes lisos, é tomada em sua denotação como veículo perfeito para a codificação conotativa de tais conteúdos.

A feitura de um mecanismo de tortura nos moldes kafkianos torna-se aí uma extravagância flagrantemente anacrônica. Não há mais necessidade de uma coerção explícita; são das vidas mesmas que emergem as linhas nas quais elas próprias serão enredadas. Fios mínimos, seda quase translúcida.

A operação mitológica, da denúncia ao desmanche

Nessa primeira mirada, a resolução parece, portanto, simples: compreende-se a proliferação biografemática na mídia de hoje como atualização dos vetores míticos do discurso da cultura de massa. A noção da escrita de uma vida por meio da acumulação de significantes esvaziados por sua miudeza oferece-se ao parasitismo de um discurso social policial, ideológico e moralizante – confirmação semiológica de um processo alertado já por Arfuch (2010, p. 86):

Essa necessidade de exteriorização do íntimo – apenas uma das facetas da visibilidade democrática –, essa formatação da experiência que os gêneros biográficos vinham justamente inaugurar, supunha já, no entanto, a salvaguarda da conduta, mecanismo regulador pelo qual a sociedade tende à ‘normalização’ de seus membros através da imposição de códigos de comportamento, consumando assim essa ‘intrusão nas zonas mais íntimas do homem.

Diante de uma confirmação dessa colonização de sentidos das escritas biográficas nos restaria perguntar: e então, que fazer? E a resposta, ou indícios dela, acreditamos residir em um exame mais detido da obra barthesiana, capaz de revelar em tal processo mais nuances do que uma leitura inicial de *Mitologias* pode dar a ver.

Uma das reavaliações críticas mais frontais do projeto teórico-mitológico encontra-se no texto *A mitologia hoje* (BARTHES, 2004), escrito como prefácio da reedição de 1971 do referido volume. O primeiro movimento de diferenciação encontra-se já no título: *mitologia* é tomado não mais como sinônimo de mito ou como nome de sua aglutinação, mas sim designa o próprio movimento semiológico-analítico de trabalho com esses discursos. A partir disso, no ensaio, Barthes parece apontar para uma saturação dessa mitologia, uma estafa da própria discussão dos mitos. Não que eles tenham deixado de proliferar; pelo contrário, sua penetração no tecido social é cada vez mais capilarizada, fruto de uma maior fragmentação e propagação dos discursos midiáticos. O que se passa aí é uma reformulação do próprio método de análise desse fenômeno. Se Calvet (s.d.) já apontava certa debilidade do esquema de leitura de *Mitologias*, denunciando sua falta de alcance heurístico para além de uma mera identificação entre “ideológico e não-ideológico”, o próprio Barthes assume agora o caráter inicial daquelas discussões, proponentes de uma análise semiológica na nascente do método. A partir do maior desenvolvimento daquilo que chama de “ciência do significante” (BARTHES, 2004, p. 77), o crítico localiza a necessidade de um processo investigativo ligado “menos a análise do signo do que a sua *desarticulação*” (BARTHES, 2004, p. 78, grifo nosso). Envelhecida e curvada sob o próprio peso, a abordagem denunciante dos mitos torna-se ela própria uma cristalização de

sentidos: o estudante de ar crítico, ansioso em pôr abaixo as normas sociais ao desmascarar as intenções burguesas tornou-se ele mesmo um mito, gerado no interior do sistema que pensa desestabilizar. Aí que a semiologia necessita operar uma crítica de si e reinventar sua atuação: a mera descrição dos enunciados míticos e a sua decomposição em dois regimes de sentido, um denotado e um conotado, já não bastam, na medida em que esse movimento perde potência e é mesmo absorvido pelos discursos políticos que visa criticar. O caso, propõe Barthes, não se trata mais de realizar um diagnóstico da condição dos signos, identificar sua febre ideológica para só remediá-la. É necessário um tratamento de choque; mais que uma reforma, um abalo, a própria demolição. E é nesses termos que “não se trata de revelar o sentido (latente) de um enunciado, de um traço, de uma narrativa, mas de fissurar a própria representação do sentido” (BARTHES, 2004, p. 78).

Se com *A mitologia hoje* há essa instauração do programa neomitológico em sua idealidade, acreditamos que a *práxis* de tal processo se delinea em *S/Z* (BARTHES, 1992). Escrito em 1970⁶, o volume constrói-se como uma análise da novela *Sarrasine*, de Honoré de Balzac, mas interessa-nos aqui na medida em que suas proposições teóricas reconfiguram as noções semiológicas expostas até o momento. O que Barthes discute aí é uma complexificação da sua ideia de Texto, entendido como um plural não por ser polissêmico, mas sim por sua multiplicidade de códigos: “este texto é uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados” (BARTHES, 1992, p. 39). Cada texto, desse modo, abriga uma diferença imanente a seu movimento de codificações. Uma análise literária, portanto, menos do que propor uma interpretação hermenêutica ou esboçar uma estrutura narrativa replicável (como já havia feito o próprio Barthes, nas suas proposições sobre a análise estrutural), deveria voltar-se a essa diferenciação na composição significante. Dadas essas proposições, o que guia Barthes aí é a questão de como abordar tal grau de textualidade, a dúvida quanto a quais instrumentos analíticos movimentar para essa operação, a discussão dessa galáxia: “como, então, estabelecer o valor de um texto? Como fundar uma primeira tipologia dos textos?” (BARTHES, 1992, p. 37-8).

Entre as ferramentas a partir disso especuladas, encontra-se, surpreendentemente, a conotação. Se antes denunciada como vetor do discurso ideológico, aqui ela se constitui como elemento metodológico imprescindível – há no livro um subcapítulo intitulado *A favor da conotação, apesar de tudo*, o que deixa clara a mudança de posição. Nesse trecho,

⁶ Se nosso texto, até aqui bastante calcado em uma explanação histórica de livros e conceitos, coloca um livro de 1970 como realização de um projeto enunciado em 1971 não é por incongruência: o trabalho dos conceitos e teorias não é diacrônico. Ver, por exemplo, a discussão de Calvet (s.d.) sobre a influência de *O sistema da moda*, de 1967, sobre *Elementos de semiologia*, de 1964.

Barthes procede a uma retomada das críticas mais comuns aos processos conotativos, a dele inclusa, para questionar se essa recusa não desaguaria em uma certa canonização dos textos, tomados como unívocos, detentores de um só sentido canônico – vítimas, portanto, do envenenamento conotativo. Operando uma inversão dessa ideia, Barthes discute um deslocamento na própria arquitetura do conceito, presente já desde Hjelmslev, que concebe a significação conotativa como *segunda*, vindo a ser atribuída a um sistema denotativo primário já posto e estabelecido. É nessa hierarquia que Barthes (1992, p. 43) produz um abalo ao propor a recusa dessa primazia da denotação:

Dos dois sistemas, denotativo e conotativo, um volta e se revela: o sistema da denotação; a denotação não é o primeiro dos sentidos, mas, finge sê-lo; sob esta ilusão, não é mais do que a última das conotações (aquela que parece simultaneamente iniciar e encerrar a leitura), o mito superior graças ao qual o texto finge voltar à natureza da linguagem, à linguagem como natureza.

Assim, Barthes *planifica* as relações de significação, retirando da denotação qualquer primazia: ela não passaria de uma conotação anterior que se cristalizou. Não há a possibilidade de um sentido único ou dominante; há sim, lembremos, uma galáxia de significantes, todos dispostos na mesma superfície, em relação constante. Definida, portanto, como “uma determinação, uma relação, uma anáfora, um traço que tem o poder de corresponder a menções anteriores, posteriores ou exteriores” (BARTHES, 1992, p. 42), a conotação torna-se um instrumento de discussão dos intertextos, não como restituição dos sentidos (pretensamente) originários, mas como proliferação das diferenças. É como se dá a discussão da obra de Balzac, com a cisão de *Sarassine* em unidades menores (parágrafos, frases, ou até mesmo palavras soltas), analisadas em cinco níveis de codificação distintos que circulam no *continuum* textual, entrecrocando-se e produzindo sentidos a partir daí. O procedimento analítico, portanto, não é mais operado à moda estrutural, com a manipulação de grandes blocos textuais, mas sim deslocado ao nível das unidades menores do discurso: do macro ao micro, dedica-se aí ao trabalho dos significantes. Escreve Barthes (1992, p. 42) que “semiologicamente, toda conotação é o início de um código (que nunca será reconstituído), a articulação de uma voz que está tecida com o texto”. A mitologia, hoje, deveria, então, dedicar-se não ao desvelamento dos sentidos ideológicos envelopados nesse processo conotativo, mas sim atentar a essa voz do texto, ao conjunto de vozes que emergem da escritura, para então construir com elas novos sentidos.

E é aí que o biografema entra em cena uma vez mais. Se inicialmente o tomamos aqui como modo de codificação dos mitos contemporâneos, a noção de uma mitologia como desarticulação sígnica, ligada a uma concepção do processo conotativo como ferramenta de exploração das diferenças do Texto, nos permite recolocá-lo na reflexão sobre os discursos comunicacionais como algo mais que mero veículo ideológico, instrumento de doutrina ou controle. A forma biografemática, lembremos, surge da pulverização do conceito de sujeito e da tentativa de articulação dessas novas formas de ser – ou, melhor, de desarticulação, já que implica em um processo de cindir a vida em pequenos estilhaços. O biografema, em seu caráter de ferramenta heurística, retorna para operar, propriamente, como a neomitologia: introduzindo a diferença no regime de signos ao desestabilizar sua coesão.

Se com Marcela Temer as coisas se passam com a imposição de um modelo de sujeito bastante tipificado, produzido no texto por meio das descrições de gestos e hábitos cotidianos, lembremos de outro perfil jornalístico de cunho político, para demonstrar como o mesmo procedimento pode produzir um modo de subjetivação outro. O texto *O andarilho*, sobre o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, publicado pela revista piauí e compilado em livro em 2010 (SALLES, 2010). A apresentação do político também se dá com a narração de certas inflexões de cunho pessoal: "De terno, carregando na mão uma pasta e o sobretudo, o ex-presidente ia empurrando uma mala espantosamente vermelha. 'As malas têm de ser berrantes, senão levam a sua sem querer'" (SALLES, 2010, p. 17); "não guarda canhotos de cartão de crédito" (SALLES, 2010, p. 25); "gosta de conversar enquanto caminha a passos lentos, as mãos trançadas nas costas" (SALLES, 2010, p. 28); odeia andar despenteado; compra ternos em liquidação e pechincha em todas as oportunidades; é vaidoso e adora ser adulado em suas palestras. O que um modelo meramente mítico não consegue compreender é essa amplitude: com Marcela Temer, uma única conotação, um sentido único que insiste e que não pode gerar mais do que um gesto acusatório, uma denúncia. Já com FHC, a fragmentação mais deliberada implica na produção de uma subjetividade múltipla, singular pois não identitária, polifonia das vozes que a conotação costura à escritura, para ficar nos termos de Barthes. Se é possível identificar no texto o gesto ideológico de certa celebração do "príncipe dos sociólogos", um elogio a intelectualidade do político, também nos é dada pela perspectiva mitológica-biografemática uma multiplicidade de portas de entrada e discussão. Compreendida nesse gesto plural, a abordagem biografemática abre-se não mais como fechamento de um sentido

unívoco, mas bem seu contrário: “Ao se mostrar fragmentário e incompleto, este conjunto de ilhas biografemáticas libera a escritura para aquilo que ela tem mais potente, ou seja, seu movimento de criação e recriação de mundos” (COSTA, 2010, p. 29).

Considerações finais

Elementos para uma mitologia do biografema produziu até aqui o esforço de elaboração de um ponto de vista teórico sobre o fenômeno do biografemático nos espaços da comunicação de massas. Menos que uma resposta às hipóteses ou uma investigação vertical sobre as origens do problema, o que se buscou foi a confecção de um painel de discussões (restrito, claro, dada as contingências de um artigo) capaz de introduzir uma leitura semiológica do movimento das escritas de vida.

Na sua proposição neomitológica, Barthes (2004, p. 80, grifos do autor) estabelece como norte “não mais apenas *inverter* (ou *restabelecer*) a mensagem mítica, recolocá-la direito, denotação embaixo e conotação em cima, natureza na superfície e interesse de classe em profundidade, mas mudar o próprio objeto, gerar um novo, ponto de partida de uma nova ciência”. Tomamos aqui a citação como perspectiva, na proposta de estabelecer o biografema como esse novo, a constituição de um objeto de estudo de práticas e teorias da comunicação que é, simultaneamente, alvo e ferramenta de análise. Se foi preciso vulgarizá-lo em um primeiro momento, colocando-o no nível da produção de notícias de celebridade, por exemplo, foi pela necessidade de uma “equivocação” operatória do conceito, sua introdução na trincheira do cotidiano, espaço central para o desenvolvimento de uma reflexão sobre as formas da comunicação contemporânea – e mais potente *locus* de investigação do pensamento semiológico, como advoga Calvet (s.d.). A partir disso, compreendeu-se a noção de mito e seus desdobramentos como forma de articular a dispersão de formas biográficas, a partir de um estudo sobre seus modos de produção de sentido. O desenvolvimento inicial da mitologia como análise política e a sua refundação como instrumento de desconstrução semiológica permite assim uma complexificação da hipótese inicial. Há uma difusão de biografemas: ao invés de responder a um “por quê?” ou oferecer a interpretação de um “como?”, objetiva-se aí o mapeamento de algumas das implicações que emergem dessa travessia.

Assim, é possível mesmo pensar a tomada do biografema pelos meios de comunicação como uma faceta do embate entre “palavra autoritária” e “palavra persuasiva”, discutido por Maurizio Lazzarato (2006) e colocado como central à discussão

da comunicação contemporânea e sua produção de subjetividades. A primeira palavra é típica da mídia de massa, afirma o teórico (2006, p. 185) e “penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível. É preciso aceitá-la por inteiro ou rejeitá-la completamente, posto que é soldada à autoridade” – não é difícil entendê-la aí como os ranços ideológicos identificados por Barthes em seu primeiro movimento mitológico. Já a palavra persuasiva tem uma relação direta com a alteridade, sendo produzida por meios de expressão alternativos, colocando em contato diferentes singularidades, e “entrelaça-se estreitamente com as nossas próprias palavras, e abre espaços de criação de possíveis” (LAZZARATO, 2006, p. 185-6). Dupla articulação da diferença análoga ao da forma biografemática conforme aqui compreendida: o aplainamento da alteridade via discurso policial no biografema-mito e a produção de Outro na fragmentação da linguagem do biografema-mitologia.

E se é verdade que frequentemente o discurso autoritário insinua-se por debaixo dessa palavra persuasiva – é o *modus operandi* da publicidade e do marketing, exemplifica Lazzarato –, também se abre a possibilidade de o discurso da diferença torcer os enunciados produzidos na instância da disciplina e do controle, dobrá-los enquanto ato de criação. E aí lembramos o biografema, nosso fantasma em eterno retorno, uma vez mais, voltando agora à sua faceta conotativa, no que Barthes (1992, p. 43) reformula o conceito: “Funcionalmente, a conotação, gerando por princípio o duplo sentido, altera a pureza da comunicação: é um ‘ruído’, voluntário, cuidadosamente elaborado, introduzido no diálogo fictício entre o autor e o leitor, enfim, uma contracomunicação”. E esse parece ser nosso ponto de chegada e, simultaneamente, partida para uma nova inquisição: postas essas características da produção de biografemas no discurso comunicacional, com suas implicações políticas e semiológicas, como pensá-lo na própria *produção* da comunicação, em articulação com sua teoria? No que implica a escrita de vida como *contracomunicação*? Se o espaço desse artigo e a própria natureza de suas investigações não nos permite avançar mais nessa proposição de momento, ela ao menos nos parece oferecer uma provocação produtiva, iniciando um espaço de debate. Contra a mitificação, fazer rodar a máquina da enunciação biográfica, forçando de modo louco as engrenagens e roldanas, destruí-la por meio do próprio uso – como o instrumento de tortura de *Na colônia penal*, explodido ruidosamente. Um paralelo aos personagens de Kafka no conto: tomar o biografema não como voz do comandante, como muitas vezes eles se articula, mas enquanto linha de fuga do estrangeiro.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BARTHES, Roland. **A preparação do Romance**: a obra como Vontade. vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- CALVET, Louis-Jean. **Roland Barthes**: um olhar político sobre o signo. Lisboa: Veja, s.d.
- COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica**: escrevendo uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KAFKA, Franz. **O veredicto/Na colônia penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SALLES, João Moreira. O andarilho: Fernando Henrique Cardoso. In: WERNECK, Humberto (Org.). **Vultos da República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 7-35
- VEJA. **Marcela Temer**: bela, recatada e “do lar”. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em 8 jul. 2016